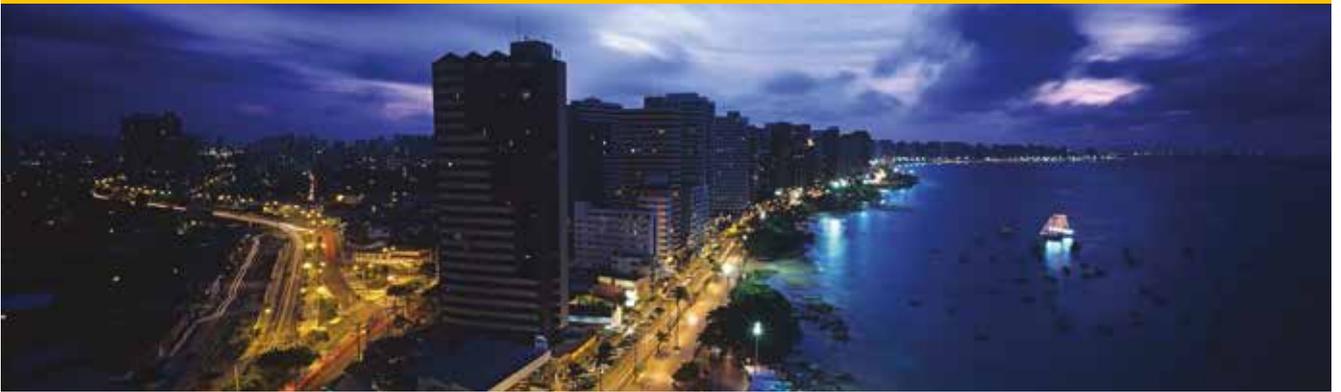


# Em tempos de pandemia: olhares sobre Fortaleza



O Observatório da Governança Municipal convidou, por meio de uma amostragem aleatória, habitantes de Fortaleza para identificar suas percepções sobre os impactos da Covid-19 na nossa Cidade. Abaixo, elencamos as opiniões coletadas nessa amostragem, constituindo um registro valioso sobre as virtudes e sobre as vicissitudes de Fortaleza. Aos participantes dessa amostragem, solicitamos o registro de seu nome, idade e profissão, comunicando que as respostas e seus dados pessoais seriam publicados nesta edição. Para uma leitura mais fluída de nossos leitores, dividimos as respostas em duas partes, contemplado os aspectos negativos e os positivos, permeando a diversidade de olhares.



1

Quais aspectos ou características negativas de Fortaleza você gostaria que desaparecessem ou que, pelo menos, fossem reduzidas/minimizadas depois da pandemia?

1. “Alta dos preços da cesta básica e politização da saúde.”

*(Roberto de Carvalho, 42 anos, bibliotecário)*

2. “A falta de hospitais com equipamentos para rede pública e que os políticos cumprissem com suas promessas das campanhas eleitorais.”

*(Linéia Diógenes, 55 anos, bibliotecária)*

3. “Violência (assaltos e mortes) e trânsito lento.”

*(Ludmila da Silva Santiago, 40 anos, contadora)*

4. “Crianças pedindo dinheiro nos sinais e saneamento básico nas periferias.”

*(Joana, 39 anos, funcionária pública)*

5. “Um transporte público mais humanizado e segurança nos parques.”

*(Liliana, 61 anos, professora do setor público)*

6. “Violência e falta de saneamento/ falta de moradia digna.”

*(Priscilla, 37 anos, assistente social)*

7. “Violência. Falta de serviços estruturais na periferia, reformas de vias, praças, esgotos abertos.”

*(Maria de Fátima Oliveira Monteiro, 31 anos, designer de moda)*

8. “Segurança, mobilidade e saúde. Atenção às pessoas em situação de rua com políticas mais abrangentes, efetivas.”

*(Natacha Farias Xavier, 32 anos, psicóloga e professora)*

9. “O desemprego, que aumentou consideravelmente. A segurança, com ênfase nas abordagens policiais que são violentas, principalmente nas periferias.”

*(Marileuda Silvestre Ferreira, 36 anos, assistente social)*

10. “Primeiramente, a corrupção. E em segundo, queria que minimizassem a lentidão nos atendimentos hospitalares públicos.”

*(Wermesson Ferreira de Souza, 22 anos, corretor de imóveis)*

11. “Desassistência da população enquanto locomoção. Desassistência com a população na empregabilidade.”

*(Marilene Silvestre Ferreira, 31 anos, autônoma)*

12. “Insegurança, sujidades, barulho (música alta, buzinas etc.) e falta de educação no trânsito.”

*(Raíssa Furtado, 32 anos, tecnóloga em hotelaria)*

13. “Precarização do atendimento ao paciente psiquiátrico e a falta de respeito do setor público para com o profissional de saúde (cooperado).”

*(Ana Virgínia Silva Rogério, 32 anos, técnica de enfermagem e assistente social)*

14. “Violência, essa foi a que mais me agradou, pois diminuiu bastante. Descobrir que o governo sabe onde deve ser gasto o dinheiro público, não faz por má vontade e desrespeito para com a população.”

*(Maria Eriluce Rocha de Oliveira, 51 anos, agente administrativo)*

15. “A pobreza e atenção aos moradores de rua.”

*(Silvana Alexandre Guimarães, 40 anos, cuidadora de crianças)*

16. “Descaso na saúde e a falta de uma assistência para os moradores de rua.”

*(Jônatas Gadelha, 35 anos, designer gráfico e fotógrafo)*

17. “Violência nas periferias, desemprego, moradores de rua, saneamento básico e água potável nas periferias.”

*(Silvana Melo de Sousa, 51 anos, professora)*

18. “Melhoria do saneamento básico em áreas mais preocupantes, principalmente à margem de rios e lagoas, até mesmo a retirada e mudança dessas comunidades para locais mais apropriados, visando a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social.”

*(Pedro Wilkson, 24 anos, assistente administrativo)*

19. “Desigualdade social, sendo uma das cidades mais desiguais do país e do mundo, infelizmente. Assim como mobilidade urbana, que não é muito boa, a Cidade não tem muitas opções de transporte público (eficaz) onde os(as) trabalhadores(as) não têm opção para se locomover, entre outras coisas.”

*(Brenda Viana, 26 anos, estudante)*



**“A pobreza e atenção aos moradores de rua.”**

*Suzana Alexandre Guimarães*

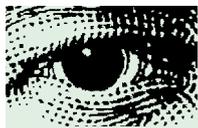
20. “Violência e a desigualdade social.”  
(Danilo Ramalho Gurgel, 31 anos, professor)

21. “A violência urbana e a alta polarização ideológica são fatores que já estavam elevados antes mesmo da pandemia, mas que potencializaram-se durante a quarentena. Mais tranquilidade ao caminhar nas ruas e leveza nas discussões políticas trarão harmonia nessa importante retomada.”  
(Diego, 30 anos, designer gráfico)

22. “Baixo índice de postos de saúde em pleno funcionamento e de profissionais de saúde para atendimento à população. Falta de atendimento hospitalar adequado para atender a grande demanda de habitantes no município de Fortaleza.”  
(Leonardo Alves da Costa, 34 anos, desenvolvimento de software)

23. “Desigualdade social, insegurança, descuido com o meio ambiente, pouca capilaridade do sistema de saúde em algumas regionais, desvalorização da produção cultural e artística local. Os poucos parques, bosques e praças existentes na periferia estão sucateados. Não integração do metrô às demais modalidades de transporte. Pouca arborização urbana.”  
(João Batista Salmito Alves de Almeida, 50 anos, agrônomo)

24. “Violência urbana. Trânsito engarrafado. Péssimo atendimento de saúde.”  
(Maria Helena Rodrigues Campelo, 31 anos, psicóloga e assistente social)



“Diminuição da pobreza na capital, bem como uma maior conscientização da população sobre a coletividade.”

Moacir de Souza Júnior

25. “As desigualdades sociais são características marcantes da cidade de Fortaleza e isso gera uma sub-característica que é a desigualdade racial. O desaparecimento ou a redução desses dois elementos são capazes de definir a densidade da “muralha” que separa ricos e pobres, além de reduzir os efeitos da herança escravagista brasileira, o racismo.”  
(José Cristiano Lima Pereira – Nick, 37 anos, gestor de projetos)

26. “Trânsito hostil para ciclista e transporte coletivo precário.”  
(Vitória Maria Ribeiro, 22 anos, estudante)

27. “Existe uma espécie de isolamento social da periferia e os centros sociais. A população de Fortaleza, infelizmente, se desloca apenas na perspectiva de produção mercantilista e os espaços, em suas comunidades, de arte, lazer e cultura não são garantidos pelos entes públicos, onde muitas vezes quem decide é o guarda de plantão, sem existir de fato uma política pública que incentive ou assegure a realização do que já existe culturalmente nas comunidades, já que elas não têm acesso aos locais tradicionais de fomento e divulgação social e cultural.”  
(Tiago Ribeiro Lima, 33 anos, produtor cultural)

28. “Esgoto a céu aberto, falta de banheiro e chuveiros públicos.”  
(Jana Alencar Eleuterio, 34 anos, assistente social e professora)

29. “Violência e buraqueira.”  
(Alexandre Maia, 41 anos, agrônomo)

30. “Lixo acumulado nas esquinas e aglomeração nos terminais.”  
(Fabiola Pessoa Pontes, 48 anos, assistente social)

31. “Diminuição da pobreza na capital, bem como uma maior conscientização da população sobre a coletividade.”  
(Moacir de Souza Júnior, 51 anos, professor)

32. “Desrespeito e desvalorização com o trabalho dos professores. A importância da escola.”

*(Lícia Maria, 37 anos, professora)*

33. “A desigualdade social e a discriminação para com as pessoas de rua.”

*(Tânia Maria Gonçalves da Silva Cruz, 57 anos, dona de casa e graduada em Serviço Social)*

34. “Descaso com o sistema público de saúde. Situação dos moradores de rua.”

*(Diony Maria Barroso de Alencar, 67 anos, professora)*

35. “Saúde, saneamento básico, segurança e educação.”

*(Rogério Sousa, 61 anos, professor)*

36. “Pobreza e ausência de senso de coletivo.”

*(Bia Fiuza, 36 anos, empreendedora)*

37. “Durante a pandemia, me emocionei com a questão da dificuldade das pessoas se consultarem, de conseguirem vagas em hospitais. Ter um mínimo de atendimento. Assisti as pessoas chorando na porta dos hospitais, eu não queria que isso acontecesse com ninguém. Saúde é direito de todos. Outra questão foi a quantidade de animais nas ruas, solitários, ajudei a alguns e a uma amiga, com dois cachorros em casa, porque ela não tinha dinheiro para dar comida a eles. A questão que me deixou mais irritada, foi a falta de água para as famílias carentes, um mínimo de saneamento e água nas torneiras é um direito de qualquer cidadão.”

*(Raimunda de Paula, 58 anos, funcionária pública)*

38. “O insuficiente saneamento básico e ambiental. A enorme desigualdade social.”

*(Sara Maria Cavalcante Barroso, 71 anos, médica sanitária)*

39. “Insegurança. Descaso das autoridades e grande quantidade de famílias/pessoas em situação de rua.”

*(Hedla Viana, 45 anos, empreendedora, autônoma e dona de casa)*

40. “Favela do Lagamar na entrada de Fortaleza.”

*(José Milton Sales Lopes, 59 anos, consultor)*



**“Desrespeito e desvalorização com o trabalho dos professores. A importância da escola.”**

*Lícia Maria*

41. “A falta de assistência médica às pessoas que não tem acesso à saúde privada. Uma política de controle de qualidade nas poucas unidades que oferecem serviços de saúde. Nesta crise (pandemia) ficou evidenciado de forma desumana, a falta de estrutura da maioria desses locais.”

*(Maria Elisabeth Melo Sampaio, 67 anos, professora)*

42. “A pobreza e a violência são, com certeza, as piores mazelas que afetam nossa cidade, principalmente quando situamos a nossa periferia.”

*(Diego David Lemos de Sousa, 33 anos, editor de vídeo e designer gráfico)*

43. “O uso do aparelhamento público na promoção de postulantes a vereadores de Fortaleza. Suspensão dos serviços de telefonia nas repartições públicas, passando o serviço a ser totalmente on-line, visto que os telefones não atendem e o custo ao contribuinte é muito alto!”

*(José Erivan de Sousa Aguiar, 60 anos, corretor de imóveis)*

44. “Nós, que realizamos um trabalho de Liderança nas comunidades, e que somos conhecedores das dificuldades do nosso povo, em nossas áreas de atuações, que mesmo nesse momento de solidariedade e de isolamento social, nós deveríamos ter tido uma atenção diferenciada dos nossos governantes municipal e estadual, com o envolvimento das lideranças em seus projetos sociais emergenciais que foram realizados na

Cidade e no Estado, para amenizar um pouco o sofrimento daqueles que mais precisam. Dito isso, mesmo com todo os esforços e trabalhos que foram realizados pelos nossos governantes, municipal e estadual, os quais eu quero aqui parabenizar, com os seus projetos sociais emergenciais, muitos dos nossos irmãos fortalezenses e cearenses ficaram de fora desses projetos por não terem o título de cidadão brasileiro, ou seja, uma Certidão de Nascimento, RG ou CPF. Nesse aspecto, é onde chegaria o papel da liderança.”

*(Francisco Paulo de Almeida – Motoca, 56 anos, conselheiro municipal de planejamento participativo)*

45. “Pobreza e desinformação das pessoas.”

*(Rômulo Andrade da Silva, 31 anos, analista de planejamento e gestão e estatístico)*

46. “As informações sobre velórios sem presenças familiares (pânico). O péssimo acolhimento para com os usuários do SUS nas Unidades de Saúde, nas UPAs, nos hospitais de Fortaleza (revolta).”

*(Lúcia Silva, 57 anos, gestora hospitalar)*

47. “A redução das desigualdades é a principal delas, pois era uma realidade invisível para muito. Importante que o CRAS faça uma busca ativa desses atores invisíveis, pois muitos nem recebem o Bolsa Família. Outra coisa que me chamou a atenção foi o número de famílias que só tem o Bolsa Família e de que forma a SDHDS pode incidir com formações e oficinas que devolvam a dignidade para esse público”.

*(Alilian Gradela, 56 anos, gestora social)*

48. “Trabalho mais intensivo nos bairros que apresentaram mais casos da doença, com uso de carro de som e cartazes. Orientação aos moradores sobre a higiene doméstica, colocar o lixo fora de casa somente nos dias da coleta, pois o bairro ficou muito sujo.”

*(Max Pinheiro, 44 anos, técnico de informática)*

49. “Proteção e cuidado para crianças, mulheres e homens em situação de rua. Alimentação, higienização, documentação, formação, dignidade humana e direitos.”

*(Ana, 31 anos, professora)*



**“Gostaria que Fortaleza tivesse menos asfalto, menos pessoas em situação de rua e menos desigualdade social.”**

*Carla Weyne*

50. “A falta de acesso, pela parcela mais necessitada da população, a direitos básicos como moradia digna e saneamento básico. A desvalorização dos profissionais da educação com relação aos salários e condições de trabalho.”

*(Carmem Ciene Pinheiro Santos, 35 anos, professora)*

51. “Pessoas em situação de rua deveriam ser acolhidas e cuidadas, sobretudo agora em tempos de pandemia da Covid-19. Precisamos garantir seus direitos à dignidade, saúde e cultura. É uma demanda social urgente e uma questão de saúde pública.”

*(Luciana Pereira de Freitas, 33 anos, pesquisadora acadêmica)*

52. “Abandono ou pouco cuidado/manutenção dos espaços públicos de uso coletivo como praças, parques, ruas. Calçadas irregulares e pouco incentivo para pedestres se locomoverem. Ruas mal iluminadas que geram insegurança para circulação noturna. Linhas de ônibus lotadas e caras.”

*(Lara Denise Oliveira Silva, 32 anos, professora)*

53. “A violência e o saneamento básico nas periferias.”

*(Wellington Nascimento, 38 anos, pedagogo)*

54. “A sinalização das ruas para os carros.”  
(Reinaldo Araújo Gregoldo- amigo Alê, 31 anos, pedagogo)

55. “Falta de atendimento hospitalar. Esporte e lazer na cidade para acesso de todos.”  
(Alexandra Maria Souza, 38 anos, promotora de vendas)

56. “Gostaria que Fortaleza tivesse menos asfalto, menos pessoas em situação de rua e menos desigualdade social.”  
(Carla Weyne, 39 anos, psicóloga)

57. “Na minha opinião, o aspecto mais negativo vem sendo a falta de conscientização da população por não respeitar o isolamento social.”  
(Catiulce, 40 anos, pedagoga)

58. “Acúmulo de lixo em vias públicas e ausência de lixeiras, especialmente na Praia de Iracema. Projetos de arborização com espécies nativas ou adaptadas ao nosso ecossistema.”  
(Natália de Castro Medeiros, 22 anos, estagiária)

59. “Gostaria que Fortaleza fosse uma cidade com mais dignidade e justiça social para as pessoas, com espaços públicos acessíveis e seguros, como as praças, saneamento básico e transporte público de qualidade.”  
(Isabel Sousa, 33 anos, advogada e consultora de projetos)

60. “Gostaria que, após a pandemia, a população usasse melhor os equipamentos de lazer da cidade, como praças e parques. A ocupação dos espaços públicos é um fator essencial de qualidade de vida.”  
(Santino Loruan Silvestre de Melo, 27 anos, professor)

61. “Gostaria que fosse reduzida a criminalidade na nossa cidade. A ocupação de espaços públicos é um dos fatores que podem ser decisivos para isso.”  
(Renato Barros Alves, 33 anos, designer gráfico)

62. “A ingente desigualdade social que, estatisticamente, é uma das maiores no mundo, configura Fortaleza numa cidade tensamente rachada entre poucos muito ricos e muitos muito pobres, o que impede qual-

quer bem-estar para a população como um todo, ricos e pobres. Certa urbanidade tóxica que destrata desde o patrimônio histórico ao conforto térmico, podando árvores ao toco.”

(Paulo Roberto Vianna Júnior, 44 anos, diretor de TV e produtor cultural)

63. “Redução da população de moradores de rua, através de políticas específicas para atendimento a esta população. Maior atenção à saúde da população que utiliza exclusivamente a saúde pública, com políticas de atenção à saúde básica, que podem diminuir as comorbidades da população.”

(Soraide Paz de Oliveira Lima, 56 anos, professora)



**“Crise no emprego. Queda na receita nos setores de turismo e construção civil. Aumento da desigualdade econômica e social. Aumento das agressões domésticas as mulheres.”**

Márcia Rocha Holanda

64. “As desigualdades sociais e a violência. A primeira influencia diretamente na segunda, sendo os mais pobres os protagonistas da violência, como vítimas ou como autores, provocados pelas desigualdades sociais.”

(Jéssica Santana, 29 anos, historiadora)

65. “Todo tipo de violência, mas principalmente as ligadas às facções por aliciar os jovens e adolescentes. Tráfico de drogas ilícitas e desigualdade social percebidos pelo pouco investimento nas periferias quando comparado aos bairros nobres.”

*(Antônio Pereira de Moura Júnior, 35 anos, pastor)*

66. “A falta de infraestrutura nas comunidades carentes, onde vemos esgotos a céu aberto. As violências domésticas contra as crianças e as mulheres.”

*(Manoel Santana, 53 anos, educador social)*

67. “Altos índices de violência urbana. Insuficiência da política de mobilidade urbana.”

*(Pedro Silva, 34 anos, professor)*

68. “A falta de saneamento básico, principalmente na periferia. E a falta de iluminação pública, em praças e áreas ao ar livre.”

*(Camila Garcia, 36 anos, jornalista)*

69. “A invisibilidade que as periferias sofrem. As políticas públicas que não são direcionadas as mesmas por não estarem tão a vista como os demais locais.”

*(Ana Érica Araújo, 23 anos, estudante)*

70. “Os lixos nos canteiros e as abordagens policiais violentas.”

*(Ana Larisse Santos Barbosa, 23 anos, pesquisadora)*

71. “Gostaria que todos os cidadãos de Fortaleza tivessem acesso à rede pública de saúde, sobretudo em relação aos leitos de UTI, que se apresentam em número insuficiente para a população, bem como saneamento básico nas comunidades mais carentes.”

*(Sulamita Alves Teixeira, 44 anos, defensora pública)*

72. “A falta de acesso à cidade é um dos aspectos negativos, sendo uma característica do cotidiano da cidade que deve desaparecer. Um outro aspecto negativo são as mortes desenfreadas de crianças, adolescentes e jovens das periferias da cidade.”

*(Lucas Ferreira Lima, 24 anos, educador social e psicólogo)*

73. “Engarrafamentos no trânsito e melhoria do saneamento básico nas regiões periféricas.”

*(Maria Loren Matos de Sousa, 26 anos, professora)*

74. “A desigualdade social e a desinformação estão entre os problemas que ficaram ainda mais evidentes durante a pandemia. O caminho que devemos percorrer para superá-los passa, primordialmente, pela educação.”

*(Sávio Cunha da Paz, não informou a idade, educador e empresário)*

75. “Não sei se estou sendo pessimista, mas está bem difícil enxergar em que aspectos a pandemia pode gerar as reflexões sociais necessárias para mudanças positivas em nossa cidade. De qualquer forma, gostaria que a nossa juventude se sentisse mais segura para se expressar, para ocupar as ruas e para sonhar com um futuro incrível. Isso para mim significa mais segurança, menos preconceito e escolas cada vez mais vivas e plurais para promover isso aos adolescentes da cidade.”

*(Igor Pelúcio, 30 anos, empreendedor)*

76. “É inadmissível que tenhamos tantas pessoas em situação de rua nessa cidade. Não que elas não possam ocupar a cidade, é direito delas, mas todas as mazelas sociais a que essa população é submetida pela situação de rua. É fundamental a criação de novos projetos e programas para minimizar essa realidade.”

*(Lucivânia Lima de Sousa, 30 anos, assistente social)*



**“A falta de infraestrutura nas comunidades carentes, onde vemos esgotos a céu aberto. As violências domésticas contra as crianças e as mulheres.”**

*Manoel Santana*

77. “Diminuição da violência urbana. Melhoria na coleta de lixo. Garantia da universalidade ao acesso à política de saúde pública.”

*(Milena Cerqueira Monteiro, 39 anos, assistente social)*

78. “Desigualdade social. Os empregos informais, para abertura de espaço aos formais.”

*(Regivânia Marques Cordeiro de Castro, 33 anos, bancária)*

79. “O desemprego e a falta de igualdade de oportunidades.”

*(Sara Cavalcante Góis, 38 anos, psicóloga)*

80. “A principal questão, envolvendo a pandemia e a cidade, é o saneamento básico. Ainda hoje muito aquém do que deveria ser bom ou regular e, em muitos bairros, inexistente. A pandemia só enalteceu o tamanho da escassez de questões primordiais para os cidadãos, como a atual necessidade de atendimento de água e esgoto para todos. Outro fator que gostaria de ver modificado, é o aumento significativo de pessoas em situação de rua. É estarrecedor ver as praças do Centro, e até mesmo avenidas da periferia, tomadas de famílias sem moradia.”

*(Débora Silva, 33 anos, tatuadora e artista visual)*

81. “A falta de saneamento básico e o número excessivo de habitações precárias na cidade. Seria importante a última milha de ligação do esgoto sanitário e, pelo menos, a construção de novos banheiros nas habitações.”

*(Célio F. B. Melo, 54 anos, economista)*

82. “Que o centro de Fortaleza fosse reordenado, embelezado, retirado o lixo e controlado os depósitos. Na Praça do Ferreira não fosse permitido o que tem sido até agora, que lhe torna feia e insegura. Que a segurança da cidade fosse garantida dia e noite. Que não se divulgasse mazelas, coisas negativas da Cidade, apenas as coisas bonitas e atrativas ao turismo e se despoluísse a orla.”

*(Luzia Neide Coriolano, 69 anos, professora)*



**“Engarrafamentos no trânsito e melhoria do saneamento básico nas regiões periféricas.”**

*Maria Loren Matos de Sousa*

83. “Desigualdade no acesso às tecnologias sociais, às mídias, redes de computadores e *internet*. Educação de qualidade para todos. Investimento para suporte às “equipes de ponta”, redes de atendimento com contato direto com populações em situação de maior vulnerabilidade social.”

*(Ticiano Santiago de Sá, 38 anos, psicóloga e professora)*

84. “É preciso criar condições econômicas para que os pequenos empreendedores tenham capacidade de se desenvolverem, gerarem renda e oportunidades nas suas comunidades. É fundamental uma política de segurança pública que respeite os direitos humanos, equitativa, com condições de trabalho para os agentes de segurança pública e participação social efetiva nas ações desta política.”

*(Maurício Bastos Russo, 46 anos, sociólogo)*

85. “Diminuir as desigualdades sociais ainda presentes em nossa cidade, criando mais oportunidades para essas pessoas reencontrarem o entusiasmo e motivação para suas vidas. Diminuir o desemprego aumentando assim a justa renda.”

*(Gilberto Costa Bastos, 64 anos, médico veterinário)*

86. “Uma pergunta muito ampla, o que nos leva a sonhar. Mesmo que não diretamente associados. Gostaria que no “novo” mundo que surgirá depois da pandemia, pudéssemos gozar de menos desigualdades sociais e econômicas, entre nossos concidadãos. Mais ainda, gostaria que a gestão, em seus diversos níveis,



**“Diminuição da violência urbana. Melhoria na coleta de lixo. Garantia da universalidade ao acesso à política de saúde pública.”**

*Milena Cerqueira Monteiro*

pudesse adotar uma visão mais humana, em que as pessoas deixem de ser apenas números em uma planilha.”

*(André Soares Lopes, 41 anos, professor e arquiteto)*

87. “Gostaria de ressaltar a fragilidade da saúde pública, que mostrou-se vulnerável aos atendimentos em grande escala. E as desigualdades sociais entre as pessoas em situação de rua.”

*(Francinete Cabral Lima, 76 anos, agente social)*

88. “Uma coisa negativa são as obras que iniciam e parecem não ter mais fim, como a obra que ocorre neste momento, há um bom tempo, no viaduto próximo ao Makro. Além disso, é notória a dificuldade das pessoas de se deslocarem em Fortaleza. O transporte público é muito precário ainda.”

*(Adriano César Carneiro Loureiro, 47 anos, professor)*

89. “Violência urbana e lotação dos transportes públicos.”

*(Vitória, 32 anos, psicóloga)*

90. “A desigualdade social e econômica, problemas que foram intensificados pela pandemia, e requerem políticas públicas eficazes e urgentes para seu enfrentamento.”

*(Ana Samary Sérgio Costa, 27 anos, turismóloga)*

91. “A distribuição geográfica da concentração de renda na cidade e a extrema violência nas periferias.”

*(Eduardo Aparício, 53 anos, jornalista e designer gráfico)*

92. “Desigualdade e falta de amor pelo Estado.”

*(Vanessa, 47 anos, professora)*

93. “A desigualdade social: dá para reduzir essa desigualdade investindo pesadamente no projeto de renda mínima para toda a população. Déficit habitacional: forte investimento na construção de habitações, lotes urbanizados e mutirões, utilizando os vazios urbanos que estão dentro da cidade.”

*(Antônio Silvestre Leite, 54 anos, economista)*

94. “A falta de consciência coletiva das pessoas e a desvalorização dos profissionais da educação e cultura.”

*(Larissa Montenegro, 33 anos, atriz e produtora cultural)*

95. “Duas questões precisam ser avaliadas: 1) o processo de comunicação/educação em saúde na atenção básica, sobre risco e prevenção, pois percebeu-se uma grande dificuldade de adesão ao uso da máscara e isolamento social na periferia; 2) a adaptação e inovação em relação às mídias sociais por professores e alunos (comunicação e acesso), o que certamente ocasionará desvantagem para alunos da periferia.”

*(Manoel Dias da Fonseca Neto, 73 anos, médico)*

96. “Redução de favelas. A problemática, além de evidenciar a desigualdade social, envolve a ausência do mínimo necessário para uma vida digna. Considerando que uma das razões do crescimento de favelas é o êxodo rural, necessário se faz a criação de uma política pública voltada especialmente para a manutenção do homem no campo. Outra questão é a mobilidade urbana, sendo notória a insuficiência, em qualidade e quantidade, de transporte público para a população.”

*(Maria do Perpétuo Socorro França Pinto, 76 anos, promotora de justiça)*

97. “Segurança e saúde são aspectos que sempre serão considerados pontos de discussão. É preciso investir em capacitação, estrutura e bons salários desses profissionais, que não só durante a pandemia, mas desde de sempre estão na linha de frente da sociedade.”

*(José Luiz Tavares, 32 anos, publicitário)*

98. “Gostaria que os espaços culturais e locais de circulação de pessoas não se mantivessem ociosos e fossem ocupados mais frequentemente com diversas linguagens. Que o trânsito de pedestres fosse priorizado nas regiões de concentração cultural, permitindo mais ações de rua em lugar aberto. Precisamos minimizar a ociosidade de espaços relevantes na cidade.”

*(Lindemberg Bezerra de Menezes, 35 anos, músico e artista autoral independente)*

99. “Falta de saneamento básico, água limpa, coleta de esgoto e de pavimentação nas ruas da cidade. Abandono do centro da cidade, que sofre.”

*(Flávio Henrique Vilar de Melo, 32 anos, biólogo)*

100. “Violência, inclusive por parte da polícia, cada vez mais truculenta. Abandono da periferia.”

*(Aluizio Moisés de Medeiros, 61 anos, músico)*

101. “A grave desigualdade que nos afronta diariamente, do Meireles ao Bom Jardim. Cada criança pedinte em um sinal é a destruição de um futuro. Cada morador de rua é o atestado de que estamos falhando como sociedade.”

*(Marcelo Monteiro, 49 anos, servidor público)*

102. “Falta de paridade do ensino público com o privado (encontrar forma de inclusão dos estudantes na educação- na pandemia, 90% ficaram sem o estudo). Moradores de rua (ampliar a política da PMF no aspecto da ressocialização e inclusão (família) em atividades que gerem bens para a sociedade e renda para

eles, a exemplo de hortas, centros de coletas/reciclagem, de tecnologia para jovens.”

*(Thereza Neumann Santos de Freitas, 62 anos, engenheira eletricista)*

103. “Desigualdade social. Falta de educação para com o outro.”

*(Rodolfo Lira, 33 anos, músico)*

104. “Desigualdade social e violência policial.”

*(Monyse Ravena, 32 anos, jornalista)*

105. “Criminalidade e pessoas passando necessidades básicas, como alimentação, vestuário, higiene pessoal etc.”

*(Aline Campêlo, 34 anos, atriz, palhaça e produtora cultural)*

106. “A pandemia escancarou como a educação e a saúde ainda constituem privilégios em nossa cidade. Observar a situação dos alunos da rede pública nesse cenário é alarmante – estudantes sem as mínimas condições estruturais para assistir às aulas *on-line*. De natureza igual, as classes mais pobres pouco conseguiram manter os cuidados necessários à saúde – labutavam como uma exigência inadiável.”

*(Daniel Alencar de Carvalho, 28 anos, professor)*

107. “Falta de manutenção adequada dos espaços públicos por parte dos órgãos pertinentes. Dificuldades de deslocamentos de pessoas entre moradia e locais de lazer. Violência em bairros com população de menor renda familiar.”

*(Rodrigo Ponce de Leon, 46 anos, arquiteto e urbanista)*

108. “Precarização da saúde e segurança. Gostaria que os recursos públicos fossem melhor alocados nessas áreas. A pandemia possibilitou que emendas e leis fossem propostas para fortalecer essas áreas no município. Rogo pelo bom senso da gestão para transferir e utilizar melhor os recursos arrecadados pelo município.”

*(Augusto Feitosa, 27 anos, desenvolvedor de sistemas)*

109. “Gostaria que fosse minimizada a questão da lotação do transporte público (ônibus e vans), que já é



**“A distribuição geográfica da concentração de renda na cidade e a extrema violência nas periferias.”**

*Eduardo Aparício*

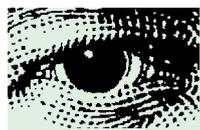
um problema antigo em Fortaleza, mas que por conta da segurança sanitária durante o período da pandemia isso se agravou. Outro aspecto negativo que gostaria de ver reduzido é a falta de acesso à rede de saneamento, que provoca uma série de problemas de saúde pública.”  
(Ellen Garcia da Silveira, 34 anos, socióloga)

110. “O trânsito muito engarrafado e a insegurança.”  
(Anderson Passos Bezerra, 35 anos, economista)

111. “Como, no início da pandemia, a mídia pôs muito medo nas pessoas, mas a vida pede passagem, entendo que seria bom que as pessoas perdessem o medo de sair de casa.”  
(Francisco de Assis Costa Cavalcante, 63 anos, empresário)

112. “Não apenas em Fortaleza, mas uma redução no consumismo desenfreado por produtos sem a menor necessidade.”  
(Maria Eugênia de Queiroz Ferreira, 62 anos, economista)

113. “Sujeira, mobilidade urbana precária, má qualidade do transporte público, carência de parques e espaços de convivência para famílias e animais, degradação do Centro da cidade (praças, teatros, ruas, calçadas, pessoas em total desamparo). Pouca oferta de eventos e espaços culturais de relevância para as famílias, pouca divulgação da história de Fortaleza.”  
(Robertta Braga Mota de Souza, 44 anos, administradora de empresas)



“A falta de consciência coletiva das pessoas e a desvalorização dos profissionais da educação e cultura.”

Larissa Montenegro

114. “Não há dúvidas que gostaria que as profundas desigualdades diminuíssem.”  
(Eudoro Santana, 84 anos, engenheiro civil)

115. “De alguma forma, com a pandemia exacerbou-se o aloprado, o intolerante e o insensível. Vimos em alguns lugares a delicadeza e cuidado ceder espaço a atitudes antes não imaginadas.”  
(Daniel Cardoso, 53 anos, professor e pesquisador)

116. “A precarização do trabalho, o desemprego, a insegurança alimentar, a falta de moradia digna, as áreas de risco, a violência urbana, social e doméstica.”  
(Adriana Araújo de Aragão, 51 anos, funcionária pública estadual)

117. “Redução do desemprego. Diminuir a valorização do ter, e reduzir as desigualdades sociais.”  
(Desirée Custódio Mota, 56 anos, economista)

118. “Extrema desigualdade social é falta de conhecimento básico dos direitos e deveres dos cidadãos.”  
(João Eduardo Arraes de Alencar, 57 anos, economista)

119. “A desigualdade extrema se manifesta em uma exclusão social e territorial em Fortaleza, é necessário proporcionar condições aos mais vulneráveis e gerar oportunidades para a sua inserção competitiva na economia.”  
(Lauro Chaves Neto, 51 anos, professor)

120. “A desigualdade social parece ser o grande ponto negativo sobre o qual estão assentadas as mais diversas formas de expressão da violência em meio urbano: a criminalidade, a violência policial, problemas de acesso à educação, saúde, lazer e alimentação de qualidade.”  
(Kadma Marques Rodrigues, 55 anos, professora)

121. “O grande fluxo de automóveis e a concentração de riqueza em poucos bairros.”  
(Selma Maria Santiago Lima, 55 anos, gestora cultural)

122. “A falta de oportunidade e acesso em relação às iniciativas empreendedoras que precisam chegar em todas as áreas da cidade.”

*(Ana Valéria Escolástico Mendonça, 58 anos, administradora hospitalar)*

123. “Vou reforçar as palavras de John Lennon: *“imagine all the people, living life for peace. No need for greed or hunger. A brotherhood of man”*, uma cidade mais justa, igualitária, sem pedintes, sem moradores de rua. Uma cidade boa para se viver, para moradores e turistas.”

*(Régis Medeiros, 53 anos, hoteleiro)*

124. “Uma característica que gostaria que diminuísse diz respeito, principalmente, a uma problemática grave que a cidade vive: a desigualdade social. Esta se mostrou ainda mais letal nesse momento de pandemia. Apesar de todos sofrermos de diferentes formas, o momento trouxe ainda mais a tona as diferenças estruturais entre as regiões da cidade.”

*(Byanca Pinheiro Augusto, 28 anos, especialista do Observatório da FIEC)*

125. “O desrespeito às normas e orientações de segurança. A violência extrema e a sensação de insegurança. Corte desnecessário de árvores. A precariedade do transporte público.”

*(Camile Queiroz, 40 anos, produtora cultural)*

126. “Fortaleza ainda é muito centralizada e desigual, o que não condiz com o modo como ela cresce. Essa desigualdade faz com que as pessoas não acessem do mesmo modo os recursos disponíveis, gerando violência, fome e miséria. Já a centralização faz com que as potencialidades dos vários polos econômicos e culturais dentro da cidade não se desenvolva, pois a cidade está sempre voltada pro Litoral, o que é um equívoco, é talento comercial, cultural, criativo que é desperdiçado.”

*(José Talles da Silva Soares, 31 anos, poeta, editor e mediador de leituras)*

127. “As péssimas condições sanitárias, de moradia e desemprego na periferia da cidade. A ausência de políticas públicas claras e transparentes em relação ao



**“A grave desigualdade que nos afronta diariamente, do Meireles ao Bom Jardim. Cada criança pedinte em um sinal é a destruição de um futuro. Cada morador de rua é o atestado de que estamos falhando como sociedade.”**

*Marcelo Monteiro*

meio ambiente, especialmente no tocante à arborização, recuperação dos recursos hídricos e aprovação de obras com forte impacto na natureza urbana e no perfil da cidade.”

*(José Borzacchiello da Silva, 75 anos, professor)*

128. “Violência e sujeira das vias públicas.”

*(Tecla Vieira Carvalho, 50 anos, executiva e química industrial)*

129. “A falta de resiliência e atenção com os diferentes, vem crescendo e fazendo parte da polarização criada nos últimos anos. A politização de temas como saúde e economia foram muito utilizados nesse período, trazendo efeitos negativos para o desenvolvimento de soluções que permitam a cidade sair dessa crise sanitária.”

*(Paulo Francisco Barbosa Sousa, 37 anos, economista)*

130. “Que nossa cidade possa ser menos violenta e desigual. Que seus espaços públicos sejam cada vez mais limpos, floridos e bem cuidados.”

*(Ana Stela Vieira Mendes Câmara, 35 anos, professora)*

131. “A pandemia explicitou nossa grave apartação social. Uma banda da cidade de Fortaleza tem acesso ao saneamento básico, opções culturais e de lazer, oportunidades de emprego e renda. A maioria que vive nas periferias ficam excluídos(as). Gostaria de políticas públicas que quebrassem os muros imaginários da Fortaleza que tudo tem, da que vive das migalhas.”

*(Marcos Alberto de Oliveira Vieira, 52 anos professor, sociólogo e fotógrafo)*

132. “A primeira delas seria a desigualdade social, visível a olho nú, como atestam nossas periferias. Outra seria a violência que, em grande parte decorrente da primeira característica, segue presente em suas várias tonalidades, desde as mais explícitas – em associação direta com a criminalidade –, até as mais “sutis” e igualmente perversas, como a que se manifesta por meio da discriminação para com os grupos minoritários e socialmente vulneráveis.”

*(Duarte Ferreira de Sousa- Duarte Dias, 55 anos, cineasta)*

133. “A pandemia deixou claro o quanto as periferias estão carentes de apoio e isso deveria acabar. Políticos que se locupletam às custas das tristezas e doenças das pessoas. Políticas sendo realizadas apenas visando resolver problemas de curto prazo ou pensando em reeleição.”

*(Fabrício Monte Mendes, 31 Anos, empreendedor social)*

134. “Gostaria que a gente se entendesse como cidade, como sociedade que vive em coletivo. A pandemia revelou também uma face egoísta e ignorante de Fortaleza. Infelizmente tenho a impressão que falta ainda muito para compreendermos que a solidariedade, a cidadania, mais que uma questão de educação, é de sobrevivência.”

*(Rafael Limaverde, 44 anos, artista visual)*

135. “As desigualdades da cidade foram expostas e nos fizeram perceber todas as nossas fragilidades econômicas, morais e subjetivas. Nos percebemos como uma cidade mais suscetível às agruras da contemporaneidade e seu neoliberalismo. A pandemia não criou



“Não há dúvidas que gostaria que as profundas desigualdades diminuíssem.”

*Eudoro Santana*

nada disso, pelo contrário, nos fez ver com mais clareza nossos dilemas sociais. Nada disso fará falta nos tempos que virão.”

*(Lenildo Monteiro Gomes, 53 anos, gestor cultural)*

136. “Eu gostaria de sumir com a indiferença frente aos mais vulneráveis e com essa sanha de poder e dinheiro que nos acomete, vendo renascer uma cidade mais justa e igualitária. Também queria trocar a política da boçalidade que nos torna um dos lugares do mundo com maior concentração de renda entre os mais ricos, pela política da cooperação, aquela que trabalha em rede e cria oportunidades a partir de uma partilha sensível e criativa de habilidades e expertises.”

*(Ethel de Paula Gouveia, 49 anos, jornalista)*

137. “As pandemias são provocadas por transgressões. Como seres vivos, somos responsáveis por nossas ações e consequências. Fortaleza é forjada por todos. O lado negativo, certamente, nasce dessas nossas transgressões.”

*(Fernando Barroso, 65 anos, consultor em gastronomia e hospitalidade)*

138. “Afora as questões de desigualdades sociais bastante evidentes (segurança vem nesse contexto, claro). Mas, de modo mais objetivo, seriam: a) Mobilidade Urbana. Que os modais de transporte coletivo (ônibus, metrô e ciclovias) e sobretudo pedestres efetivamente tivessem toda a prioridade e que as calçadas fossem “caminháveis”. Cidade plana onde é praticamente impossível caminhar; b) Interligação total e fácil da orla

marítima desde o Mucuripe até o Pirambu; c) Ordenação (mínima) de atividades de serviços na cidade; d) Padronização municipal de indicações para (minimizar) o caos e a poluição visual e e) Espaços de arte popular (efetivamente) pois o segmento ficou sendo o mais atingido.”

*(João José Hiluy Filho, 59 anos, engenheiro químico e professor)*

139. “Acho que ainda valorizamos pouco o que é nosso. Precisamos nos engajar em proteger, apoiar e promover os produtos e produtores locais, principalmente na área da cultura. Cultura não é só música. Nosso cinema, moda, indústria e arte, de forma geral, para evitar a evasão de talentos por falta de apoio ao que é nosso. O turismo também precisa ser encarado de forma separada à imagem da praia. Somos muito mais que nossas belas paisagens.”

*(Leonardo Gonçalves, 43 anos, chefe de cozinha)*

140. “Concentração dos equipamentos turísticos nos bairros próximos a Beira- Mar e mobilidade para bairros periféricos.”

*(Christianne Coelho Silton, 58 anos, arquiteta)*

141. “A falta de estrutura nos hospitais públicos e privados para receber os pacientes afetados com a Covid-19 e outras enfermidades.”

*(Ethel Whitehurst, 66 anos, empreendedora social e consultora em artesanato e designer)*

142. “Carência de espaços urbanos abertos de descompressão, convívio e lazer. Para isso, investimento em infraestrutura de segurança, arborização e passeios.”

*(Marcus Novais, 54 anos, arquiteto)*

143. “Após a pandemia, quero viver em Fortaleza a continuidade das boas iniciativas de gestão pública, independente de partidarismos. Que a cidade e as pessoas sejam priorizadas através das boas ideias.”

*(Paulo Probo, 52 anos, educador)*

144. “Com relação a Praia de Iracema, como moradora e empreendedora, com o Café Teatro das Marias por mais de 18 anos ali, sinto que a manutenção na

iluminação, na limpeza e na segurança, deveres de casa do governo local já ajudariam, e muito, os que ali vivem.”

*(Valéria Maria Silton Pinheiro, 61 anos, agente e gestora cultural)*

145. “A principal delas é a brutal desigualdade econômica e social. A riqueza é concentrada em alguns poucos bairros e em algumas poucas pessoas. Tudo mais advém daí, é preciso repensar o modelo de desenvolvimento da cidade, orientando políticas públicas para as potencialidades econômicas da periferia.”

*(João Joaquim de Melo Neto Segundo, 58 anos, educador popular)*

146. “Gostaria que desaparecessem as duas coisas que mais me atingem dentro da minha capacidade empática, que é a falta de acesso à alimentação e a falta de acesso à educação. A alimentação de qualidade e a educação para todos deve ser prioridade pública. Todos os dois itens deveriam ser considerados como ferramenta de fortalecimento social, garantindo desenvolvimento para todas as outras instâncias.”

*(Vanessa Santos Silva, 47 anos, professora)*

147. “Deficiente assistência hospitalar e cuidados preventivos de saúde da população. Falta de estrutura e tecnologia nas unidades públicas escolares. Deficiência nas campanhas que fortalecem a necessidade de preservação do patrimônio público e do respeito ao meio ambiente.”

*(Jonila Ilza Silva Franklin, 63 anos, professora)*



**“A falta de oportunidade e acesso em relação às iniciativas empreendedoras que precisam chegar em todas as áreas da cidade.”**

*Ana Valéria E. Mendonça*



**“Desigualdade social. Falta de acesso à cultura na periferia e falta de oportunidades de trabalho digno aos artistas.”**

*Narcélio Moreira Dantas*

148. “O descaso com o patrimônio edificado, bem como a ausência quase que total de políticas públicas para reconhecimento e salvaguarda do patrimônio imaterial. A inexpressiva presença de obras artísticas em espaços públicos e o desleixo com as poucas obras que existem. Esta questão envolve os níveis municipal, estadual e federal e ainda entidades de classes.”

*(Calé Alencar, 65 anos, cantor e compositor)*

149. “Falta de consciência e prática quanto à limpeza urbana, desrespeito ao meio ambiente e insegurança.”

*(Paulo Alcântara Saraiva Leão, 54 anos, analista de gestão de tecnologia da informação)*

150. “Desemprego e ocupação precária. Violência urbana e facções ligadas ao tráfico comandando comunidades na periferia. Residenciais, áreas habitacionais precárias e de risco ,ZEIS, não reconhecidas e desassistidas.”

*(Silvana Maria Parente Neiva Santos, 61 anos, economista)*

151. “A falta de individualismo implicando na cidadania.”

*(Ismael de Andrade Pordeus Júnior, 72 anos, antropólogo e professor)*

152. “Durante a pandemia, vimos vir à tona a desigualdade historicamente ignorada em nossa cidade. Desejo e espero, sinceramente, que Fortaleza nunca mais finja desconhecer a situação em que se encontram os seus filhos mais humildes.”

*(Carla Sofia Pereira, 51 anos, advogada e professora)*

153. “Desigualdade social. Falta de acesso à cultura na periferia e falta de oportunidades de trabalho digno aos artistas.”

*(Narcélio Moreira Dantas, 43 anos, artista e designer)*

154. “O maior problema da cidade é a desordem urbana, que se traduz em espaços públicos descuidados e sujos. Ausência de eventos e equipamentos culturais e esportivos nas praças e espaços públicos da cidade. Desvalorização de seu patrimônio natural e cultural. Essas características que gostaria que desaparecessem pós pandemia.”

*(Geovana Maria Cartaxo de Arruda, 50 anos, professora e advogada)*

155. “Depois da pandemia, gostaria que as pessoas se indignassem mais com as desigualdades sociais.”

*(Jair do Amaral Filho, 67 anos, economista e professor)*

156. “A falta de saneamento nas periferias, a desigualdade social levando muitos jovens a serem recrutados pelo tráfico, a violência presente, a saúde precária.”

*(Maria Aparecida Fonseca Lima-Cidinha Fonseca, 65 anos, artista visual)*

157. “Desejo de ver menos desigualdade social. O prefeito Roberto Claudio fez um excelente trabalho nesse sentido, mas essa é uma tarefa de todos e que depende sobretudo da união entre o poder público e a iniciativa privada.”

*(Alexandre Pereira Silva, 55 anos, administrador)*

158. “Ocupação desorganizada do espaço público, sem respeito ao ordenamento necessário. Em momentos como este, de restrições sanitárias, isto é um grande desafio.”

*(Antônio Gilvan Silva Paiva, 56 anos, sociólogo)*

159. “Uma cidade menos desigual. Uma cidade com menos espaços fechados e mais espaços abertos.”

*(Orlando Lustosa, 30 anos, empreendedor)*

160. “A falta de espaços comuns destinados ao lazer como praças arborizadas e similares.”

*(Samuel Alves Facó, 56 anos, advogado)*

161. “Fortaleza tem, ao longo de sua existência, desrespeitado a preservação de seu patrimônio natural, arquitetônico, histórico e afetivo. A pandemia nos mostrou que meio ambiente e sociedade estão intrinsecamente ligados. Espero que se construa um novo olhar sobre nossas lagoas, rios, praias, dunas, flora, fauna, edifícios históricos e memórias afetivas.”  
(*Maria Amélia Bernardes Mamede, 58 anos, jornalista e empreendedora cultural*)

162. “Essa segregação socioespacial que nega o direito à cidade a uma parcela grande da cidade, em especial, a juventude das periferias.”  
(*João Alfredo Telles Melo, 61 anos, professor e advogado*)

163. “A desigualdade, a violência, a falta de solidariedade e o preconceito.”  
(*Cláudio Ricardo Gomes de Lima, 61 anos, professor*)

164. “Durante esse percurso da quarentena, movido pelos ditames da pandemia, tenho indagado do porquê da ausência de uma cidadania histórica, urbana, cultural e afetiva mais ativa em nossa Fortaleza. Creio que esse seja um dos aspectos, somado a muitos outros, que nos dificultam restringir processos de desigualdades disseminados no seio da população.”  
(*Gylmar Chaves, 61 anos, escritor*)

165. “Em meio à pós-pandemia, mortes, desemprego, isolamento e a insegurança gerada a partir da fragilidade das pessoas pelas incertezas, o embate político, o problema de saúde pública, ou seja, um guarda-chuva que abriga questões e nos traz uma reflexão sobre o destino da sociedade que queremos. O maior enfrentamento vivenciado nos grandes centros, com certeza, é a realidade dos moradores de rua, principalmente aqui, no Centro de Fortaleza. A ausência de uma política pública mais incisiva para atender a essa população precisa ser implementada emergencialmente, para que possamos banir essa paisagem dos nossos olhos, das nossas vidas.”  
(*Francisca Andrade de Moraes, 67 anos, engenheira e gestora cultural*)

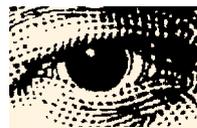
166. “Violência pública. Tráfico de drogas. Excesso de comércio informal que conturba o Centro da cidade

e o calçadão da Beira-mar. Infraestrutura do transporte público. Balneabilidade das praias. Limpeza urbana.”  
(*Circe Jane Teles da Ponte, 56 anos, professora e empresária*)

167. “A imensa apartação social que ficou exposta na pandemia.”  
(*Mônica Barroso, 66 anos, defensora pública*)

168. “A exaltação aos muros e à gentrificação. A remoção de comunidades com uso da força policial. O descaso ambiental.”  
(*Ramon Barroso Sales, 30 anos, artista visual e produtor cultural*)

169. “Na área da cultura falta investimento em equipamentos que possam absorver os talentos da cidade,



**“A insegurança na vida das pessoas nos bairros em geral e o desemprego para moradores da periferia.”**

*Anya Ribeiro*

com o trato profissional, incluindo também os talentos dos bairros da grande fortaleza, valorizando o fazer artístico numa mostra permanente.”  
(*José Amaro Alexandre Fonseca, 62 anos, músico e advogado*)

170. “Sem dúvidas, Fortaleza precisa reduzir suas desigualdades sociais e suas referências simbólicas dessa situação. Fortaleza é muito consumista e ostenta isso.”  
(*Glauber Santos Paiva Filho, 50 anos, cineasta*)

171. “A redução dos ambulantes nas ruas nas baracas de praia. Redução e ou treinamento dos vende-

dores de pacotes para praias na Beira-mar. Melhoria de limpeza das ruas. Ampliar e melhorar as estações de *bike*, isto reduz a transmissão de doença nos ônibus (caso vírus), uma questão de saúde pública. Implantar política de apoio aos eventos/ pequenos negócios turísticos.”

*(Enid Câmara de Vasconcelos, 49 anos, empresária do setor de eventos)*

172. “A primeira delas é a distância social que precede a pandemia, movida pela desigualdade, pelo preconceito, segregação e ódio às diferenças. A segunda é a concentração de riquezas e privilégios. A terceira emerge do individualismo, da multiplicação de muros e fortalezas, da ideia de que apenas importa a sua sobrevivência e de seus pares.”

*(Glória Maria dos Santos Diógenes, 62 anos, professora e antropóloga)*

173. “A desigualdade social que ainda é muito grande em nossa cidade. A falta de saneamento básico na maioria das moradias.”

*(Neuma Brito Figueiredo, 64 anos, produtora de eventos)*

174. “Características negativas: trânsito, insegurança, falta de estruturas para pedestres (calçadas, passagens), melhoria dos espaços públicos, como praças e parques.”

*(Celina Peixoto Lima, 61 anos, professora)*

175. “Melhorasse a segurança pública, melhorasse os locais para se estacionar nas vias da cidade, melhorasse também o atendimento ao público pois, ainda acho muito precário.”

*(Marília de Pontes Peixoto, 62 anos, economista)*

176. “Penso que o principal ponto negativo é como os cuidados pela cidade destoam entre regiões, amplificando as desigualdades. Quem precisa de mais deve receber mais, entretanto, essa não é a realidade. Meu desejo é viver em uma cidade mais justa pra todos.”

*(Leonardo Moura Leitão, 39 anos, empresário)*

177. “Fortaleza precisa enfrentar o desemprego, a alta concentração de renda e a desvalorização dos espaços públicos.”

*(Nágyla Drumond, 44 anos, socióloga e professora)*

178. “Insegurança. Ainda somos reféns de muita impunidade e violência em nossa cidade. Enquanto isso persistir, os espaços públicos não serão plenamente ocupados. Há hoje uma grande impunidade no trânsito da nossa cidade, não há fiscalização, principalmente de motocicletas, o que leva a um trânsito caótico e por vezes violento.”

*(José Eurico de Vasconcelos filho, 43 anos, diretor de tecnologia)*

179. “Crise no emprego. Queda na receita nos setores de turismo e construção civil. Aumento da desigualdade econômica e social. Aumento das agressões domésticas as mulheres.”

*(Márcia Rocha Holanda, 62 anos, economista)*

180. “A insegurança na vida das pessoas nos bairros em geral e o desemprego para moradores da periferia.”

*(Anya Ribeiro, 72 anos, consultora empresarial em planejamento, gestão e marketing em turismo)*

181. “A falta de segurança e a desigualdade entre as pessoas. Precisamos acreditar em um futuro igual para todos.”

*(Francisco Cláudio da Silveira, 58 anos, produtor de eventos)*

182. “Que tivéssemos um metrô realmente funcionando e que recortasse a cidade de forma a podermos utilizar e diminuir o fluxo de trânsito. Melhora na valorização da Praia do Futuro de forma condizente com o que se cobra de IPTU na mesma região.”

*(Índira Guedis Guimarães, 49 anos, administradora)*

183. “Uma cidade segura em que a vida e o patrimônio das pessoas são preservados, assim como a natureza, é a condição básica para a dignidade, o bem-estar e para a atração de visitantes, de talentos e de oportunidades. O nível de excelência no atendimento de serviços de saneamento, educação e saúde não pode depender do quanto se tem condições de pagar. A convergência no padrão e na amplitude na prestação de serviços públicos a todos os cidadãos garantem a equidade tão importante para o combate à pobreza e à desigualdade.”

*(Expedito José de Sá Parente Júnior, 40 anos, engenheiro químico)*

184. “Gostaria que houvesse foco nas desigualdades sociais, que através de um projeto de políticas públicas voltadas a crianças, jovens das periferias e moradores de rua, enfraquecêssemos o poder do tráfico e assim melhorássemos a segurança da Cidade.”

*(Edlisa Barbosa Peixoto, 48 anos, psicóloga e documentarista)*

185. “Estamos acompanhando um aumento do número de moradores de rua. Somos uma cidade sem políticas voltadas para população de rua. Não temos abrigos, dormitórios, políticas de recolocação profissional e nem assistência de saúde específica para este segmento.”

*(Andrea Vasconcelos Maranhão, 45 anos, socióloga e produtora cultural)*



**“Camarotização  
(segregação social).  
Violência urbana.  
Desigualdade social  
e gentrificação.”**

*Alexssandra Ferreira Ximenes*

186. “Neste tempo brutal que nos obriga, aos atentos, a enxergar e ouvir o invisível e o inaudível que nos cerca, espero que o melindre costumeiro do fortalezense e a reação provinciana ao outro e ao novo, desapareça. Assim, fazendo-nos crescer pela diversidade e pela soma dos que nos abrem os olhos para novos desafios e adequações necessárias para evoluirmos social e culturalmente.”

*(Rian Fontenele Cunha, 43 anos, artista visual e arquiteto)*

187. “Certamente o que temos em Fortaleza de mais negativo é o “apartheid social”, um problema nacional, mas que se destaca aqui pela alta concentração de renda. Um turista que sair do circuito Aldeota, e pular o “muro” virtual da Av. da Universidade vai conhecer uma periferia dominada por gangues, sem mando do poder público, de fazer “corar” as favelas do Rio.”

*(Antônio Mauro Barbosa de Oliveira, 66 anos, engenheiro)*

188. “O desaparecimento da desigualdade social seria um sonho, mas podemos começar pela universalização do acesso ao saneamento básico em Fortaleza.”

*(Annia Melo de Saboya Cruz, 54 anos, analista de sistemas)*

189. “Diminuísem a deficiência na educação, concernente a assuntos completamente ignorados, subestimados ou fragmentados. Os programas não colocam nos centros das preocupações, sobre formações dos jovens, futuros cidadãos, conhecimento pertinente, contextualizado, histórico e geográfico, ligando as partes ao todo e o todo às partes, possibilitando uma pressão consequente da opinião pública sobre os gestores.”

*(Francisco Eudório Fernandes, 75 anos, professor e advogado)*

190. “Gostaria de ver Fortaleza superar a triste posição de 5ª capital mais desigual do planeta. Retirar da situação de extrema pobreza as mais de 204.000 famílias que nela se encontram e retirar da situação de pobreza as mais de 39.000 famílias que assim vivem. É preciso erradicar a desigualdade que nos assola. Retirar da situação de rua as milhares de famílias que hoje não têm um teto para morar e encontram nas ruas de Fortaleza seu refúgio. Eliminar a violência doméstica contra mulheres, meninas, meninos, pessoas com deficiência e idosos que ainda nos envergonha por falta de uma política pública de prevenção eficiente.”

*(Larissa Maria Fernandes Gaspar da Costa, 37 anos, advogada e servidora municipal)*

191. “Camarotização (segregação social). Violência urbana. Desigualdade social e gentrificação.”

*(Alexssandra Ferreira Ximenes, 49 anos, artista visual)*